

A relação entre livros de artista e livros ilustrados nos estudos brasileiros do livro ilustrado contemporâneo: uma revisão integrativa

La relación entre libros de artista y álbumes en los estudios brasileños del álbum contemporáneo: una revisión integrativa

The Relationship Between Artist's Books and Picturebooks in Brazilian Studies of Contemporary Picturebooks: An Integrative Review

Sâmia Clemente, Eduardo A B M Souza

livro ilustrado, livro de artista, livro-objeto, multimodalidade

Para avaliar como o debate acadêmico sobre o livro ilustrado contemporâneo no Brasil trata a relação entre os livros de artista e os livros ilustrados, realizamos uma revisão integrativa de literatura com a questão norteadora “como o livro de artista contribuiu para a compreensão da linguagem do livro ilustrado contemporâneo?”. Partindo dos 282 resultados iniciais, realizamos a leitura crítica de três deles, e concluímos que o potencial expressivo do livro ilustrado é reconhecido, mas, devido à confusão teórica, há pouco diálogo generativo entre essas categorias. Por fim, sugerimos maior elaboração teórica e concisão das categorias de livros para adensar a compreensão dessa linguagem.

álbum, libro de artista, libro objeto, multimodalidad

Para evaluar cómo el debate académico sobre el álbum contemporáneo en Brasil aborda la relación entre los libros de artista y los álbumes, realizamos una revisión integrativa de la literatura con la pregunta guía "¿cómo ha contribuido el libro de artista a la comprensión del lenguaje del álbum contemporáneo?". Partiendo de los 282 resultados iniciales, realizamos una lectura crítica de tres de ellos, y concluimos el potencial expresivo del álbum es reconocido, pero, debido a la confusión teórica, hay poco diálogo generativo entre estas categorías. Finalmente, sugerimos una mayor elaboración teórica y concisión de las categorías de libros para profundizar la comprensión de este lenguaje.

picturebook, artist's book, object book, multimodality

To assess how the academic debate on the contemporary picturebook in Brazil addresses the relationship between artist's books and picturebooks, we conducted an integrative literature review with the guiding question "how has the artist's book contributed to the understanding of the language of the contemporary picturebook?". Starting from the 282 initial results, we performed a critical reading of three of them, and concluded that the expressive potential of the picturebook is recognized, but, due to theoretical confusion, there is little generative dialogue between these categories. Finally, we suggest greater theoretical elaboration and conciseness of book categories to deepen the understanding of this language.

1 Introdução

Ao relatar o desenvolvimento do livro ilustrado contemporâneo, Linden (2011) salienta o intercâmbio produtivo entre o mercado editorial e os artistas visuais e ilustradores. Entretanto, esse segmento é comercial e academicamente marcado pela íntima relação com a literatura infantil. De um lado, como Hunt (2010) argumenta, isso permitiu a consolidação de uma área de conhecimento a partir da Educação e da Pedagogia com pessoas engajadas, mas, por outro, confundiu a literatura ilustrada e a literatura infantil no senso comum.

Entre as relações produtivas da literatura ilustrada com a literatura infantil está a formação de um repertório imagético, além do desenvolvimento de competências críticas na leitura (Arizpe et al., 2018). Por outro lado, as discussões centradas nas possibilidades expressivas da forma do livro tendem a ser prescritivas, como argumentam Oliveira & Souza (2021). Ou ainda, carecem de elaboração teórica, como apontam duas revisões de literatura recentes que diagnosticam a falta de consenso sobre conceitos fundamentais para a compreensão dos livros ilustrados contemporâneos (Clemente & Souza, 2022; Frazão & Souza, 2024).

Para contribuir com as abordagens que enfatizam o potencial do livro ilustrado como linguagem, como a de Souza (2016), é fundamental sondar as contribuições que compreendam e explorem a forma do livro – ainda que não se encaixem confortavelmente na categoria de livros ilustrados. A título de exemplo, poderíamos citar a análise de Lupton & Miller (2011) de *O meio é a mensagem*, de 1967, projetado por Quentin Fiore com o texto de Marshall McLuhan: “o aspecto mais impressionante (...) é a forma como ele explora o espaço do livro – sua escala literal e desdobramento sequencial – como parte de seu conteúdo” (p. 93).

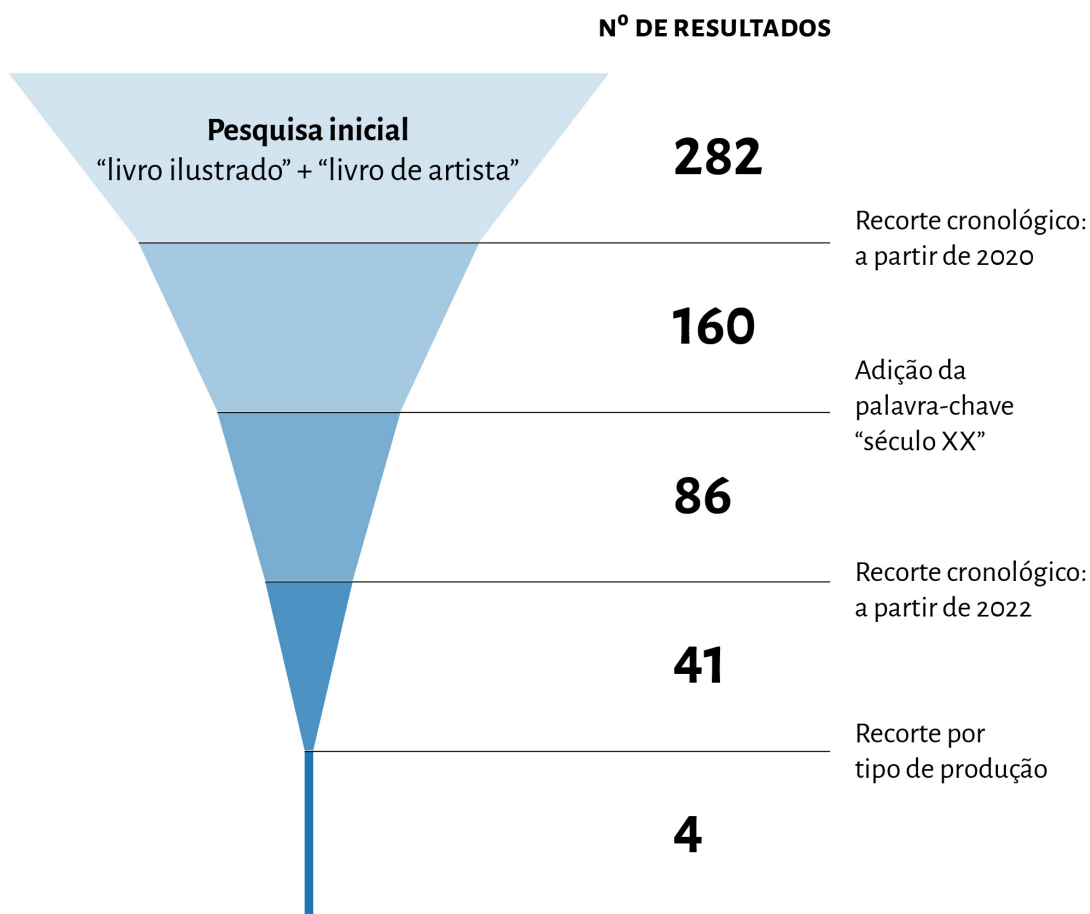
Nesse sentido, Drucker (2018) dedica um esforço teórico significativo para elucidar o diálogo generativo entre livros de artista e livros ilustrados. Assim, ela mostra que “artistas criaram obras que se tornaram livros infantis clássicos e, em tempos mais recentes, os artistas de livros adotaram abordagens de livros ilustrados como parte de seu inventário de técnicas” (p. 291). Entretanto, é muito comum que esses diálogos produtivos não ocorram por uma separação entre categorias – sejam elas teóricas ou editoriais. Por exemplo, ao discutir a obra *A cantora careca* (1964), de elaboração gráfica de Robert Massin, Piqueira (2018) se furta a relacionar a expressividade tipográfica dessa reconstrução cênica no espaço do livro com o uso tipográfico do livro ilustrado contemporâneo. Nesse sentido, é significativa a contribuição de Lima & Souza (2024) de compreender esse grau de experimentação da forma do livro com as demandas editoriais, uma vez que isso pode elucidar as relações entre literatura ilustrada, literatura infantil e os livros de artista.

Assim, o objetivo deste artigo é avaliar como o debate acadêmico sobre o livro ilustrado contemporâneo no Brasil trata a relação entre os livros ilustrados e os livros de artista. Identificamos que “livro de artista” é um termo frequentemente intercambiável com “livro-objeto” nos artigos analisados, característica que contribui para a confusão teórica, além de produzir poucos diálogos generativos com os que Drucker (2018) aponta. Por isso, a fundamentação teórica deste artigo será apresentada na Discussão, junto à leitura crítica dos artigos selecionados, no intuito de elaborar a compreensão do livro ilustrado.

2 Metodologia

Dado o escopo deste artigo, uma abordagem propícia é a revisão integrativa, pois, por meio dela, podemos sintetizar o conhecimento científico produzido sobre um tema para discussões posteriores (Botelho, Cunha e Macedo, 2011). Nesse sentido, Frazão & Souza (2024) realizaram uma revisão integrativa acerca do livro ilustrado que nos serviu de base para a investigação do nosso tema. A síntese das etapas para a seleção dos artigos da revisão integrativa – descritos a seguir – pode ser visualizada na Figura 1 abaixo.

Figura 1: Visualização em funil das etapas de seleção para os artigos da revisão integrativa



Na **primeira etapa**, buscamos estabelecer o questionamento norteador da nossa pesquisa: “Como o livro de artista contribuiu para a compreensão da linguagem do livro ilustrado contemporâneo?”. Com isso, realizamos a busca através da plataforma *Google Scholar*, a partir dos termos “livro ilustrado” + “livro de artista” e restringimos o filtro para artigos publicados em português, visto que nosso interesse é compreender o debate em estudos brasileiros. Essa busca nos retornou 282 resultados.

Na **segunda etapa**, restringimos a busca por um critério cronológico, considerando contribuições publicadas a partir de 2020, o que nos forneceu 160 resultados. Em seguida, a partir da leitura de Drucker (2004), em que a autora defende que o livro como forma de arte se

consolidou e se tornou incontornável a partir do século XX, adicionamos a palavra-chave “século XX” e obtivemos 86 resultados.

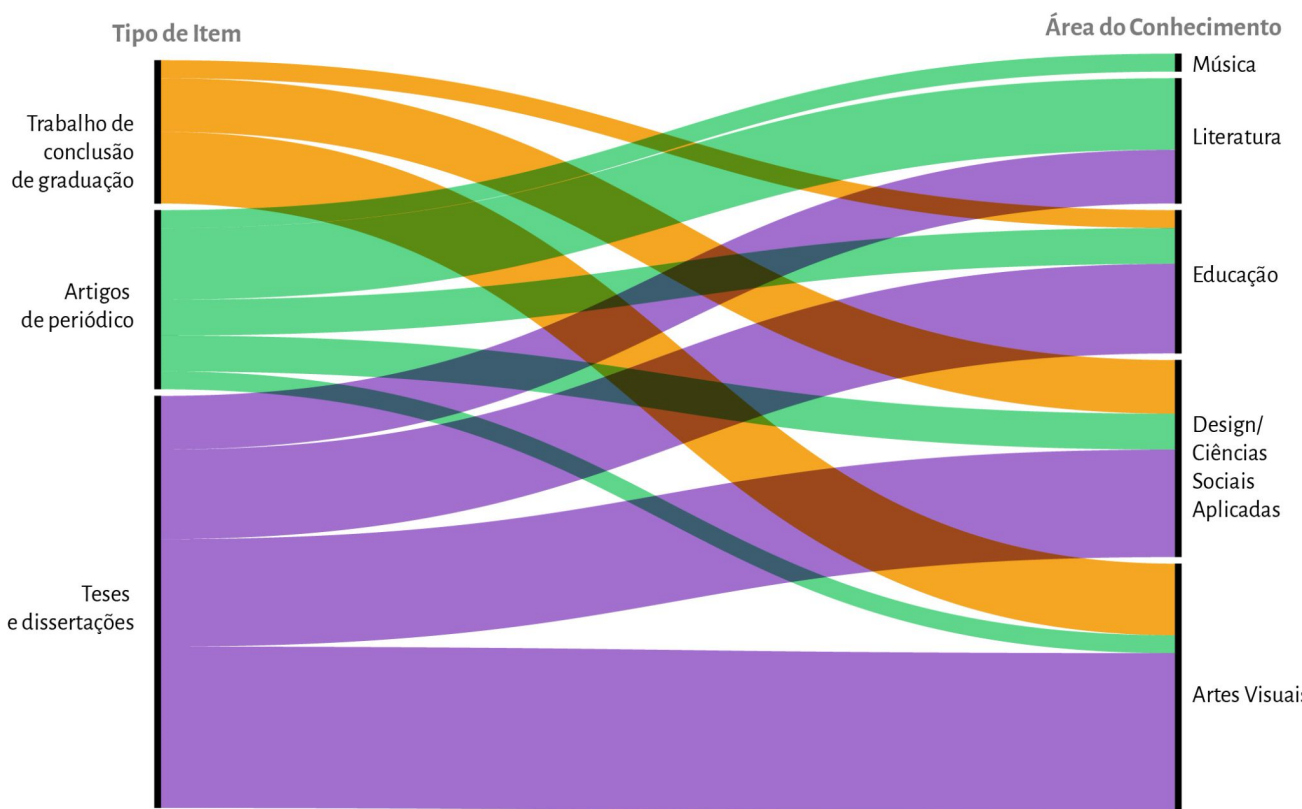
A **terceira etapa** consistiu em analisar os resultados encontrados, avaliando o resumo de cada artigo, a fim de identificar se os resumos apontavam para alguma relação entre o livro ilustrado e o livro de artista. Constatamos que poucos trabalhos buscam compreender uma ligação entre as duas categorias e a maior parte discute o livro ilustrado a partir do campo da educação ou literatura infantojuvenil, com viés pedagógico. Entretanto, para uma revisão integrativa, que requer a leitura crítica dos artigos na íntegra, foi necessário reduzir o escopo. Assim, realizamos mais um recorte cronológico, priorizando as discussões no cenário acadêmico do estado da arte: a partir de 2022, tivemos 41 resultados.

Com isso, a **quarta etapa** envolveu uma nova leitura criteriosa, seguida da categorização dos artigos. Para isso, utilizamos uma tabela semelhante àquela indicada por Frazão & Souza (2024) para registrar tipo de item, título do trabalho, autoria, ano, área de conhecimento e link para o texto (Figura 2). Tal qual a referência, a categoria de Área de conhecimento estavam relacionadas com o contexto de publicação: se tese/dissertação ou trabalho de conclusão de curso de graduação (TCC), pelo departamento; se artigo de periódico, a área do periódico, e assim por diante. Também agrupamos áreas afins a fim de conseguir encontrar padrões. Dos 41 resultados encontrados, 14 eram da área de Artes Visuais, 11 de Design, 8 da Educação, 7 da Literatura e 1 da Música. Sobre o tipo de item, 23 se tratavam de teses e dissertações, 10 eram periódicos e 8 TCC. Essa distribuição pode ser visualizada na Figura 3 abaixo.

Figura 2: Captura de tela da planilha na etapa de categorização das informações

Tipo de Item	Título	Autoria	Ano	Área do Conhecimento	Link
Periódico	CARTOMANC/E (1952-1999): LIVRO DE ARTISTA, POESIA EM JOGO	Francisco Oiticica Filho	2004	Literatura	https://d1wqts1xzie7.cloudfront.net/102947640/5109-libre.pdf?1685737489&responsera-co
Periódico	Palavras e imagens em livros de artista	Veneroso, Maria do Carmo de Freitas	2012	Artes Visuais	https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/48526
TCC	Livro de artista como catarse emocional : construção com técnicas têxteis e tingimento natural	Sommer, Gabriele Justino	2023	Artes Visuais	https://repositorio.unesp.br/entities/publication/b32f15e1-8155-4987-b996-a55ff7cce75a
TCC	Arte e espiritismo: A concepção de um livro ilustrado baseado na Doutrina Espírita	Rodrigues, Wendel	2024	Artes Visuais	https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/44067
Tese/Dissertação/Monografia	Um - Uno - Singular. O Livro de Artista no ensino das Artes Visuais.	Rasteiro, Leonor Ferreira	2024	Educação	https://research.ulusofofona.pt/files/42015194/dissertacao-leonor-rasteiro.pdf
Periódico	Ismália, de Alphonsus de Guimaraens e ilustrações de Odilon Moraes: experiencias lectoras co poema/libro-objecto	Romano, Patricia Aparecida Beraldo; Medeiros, Juliana Pádua Silva	2022	Literatura	https://revistas.usc.gal/index.php/elos/article/view/7995
Tese/Dissertação/Monografia	O livro de artista como território de poéticas (in)visíveis entre arte e ecologia	Velho, Maira Callegaro	2023	Artes Visuais	https://lume.ufrgs.br/handle/10183/258368
TCC	Literatura infantil e multimodalidade: uma análise de teses e dissertações do período de 2013 a 2018	Boas, Beatriz Gomes da Costa Vilas	2024	Educação	https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/79797
Tese/Dissertação/Monografia	Livro Corpo Aberto	Germana Gonçalves de Araujo	2024	Artes Visuais	https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=5764025&tipoMidia=

Figura 3: Visualização aluvial da distribuição dos itens catalogados na quarta etapa



Na **quinta etapa** foi necessário reduzir o escopo novamente após uma análise criteriosa dos trabalhos selecionados, visto que 2 trabalhos anteriores ao ano de 2022 passaram pelo filtro cronológico e 9 artigos eram de origem portuguesa, o que não seria interessante, uma vez que nosso intuito é avaliar a discussão no âmbito nacional. Realizamos um último recorte para filtrar apenas artigos de periódicos, que apresentam trabalhos completos e validados por pares e dispensamos os trabalhos do campo da educação e da música, por não apresentarem uma abordagem alinhada com o nosso direcionamento. Dessa forma, restaram 4 itens (Figura 2).

Figura 3: Captura de tela da planilha com os 4 itens selecionados para leitura crítica

Tipo de Item	Título	Autoria	Ano	Área do Conhecimento	Link
Periódico	Ismália, de Alphonsus de Guimaraens e ilustrações de Odilon Moraes: experiencias lectoras co poema/libro-obxecto	Romano, Patrícia Aparecida Beraldo; Medeiros, Juliana Pádua Silva	2022	Literatura	https://revistas.uscgal/index.php/elos/article/view/7995
Periódico	O DOIS PROCESSOS DE ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: O PONTO DE VISTA DO ILUSTRADOR	Alencar, José Salmo Dansa de	2022	Design/Ciências Sociais Aplicadas	https://rbeg.net/index.php/rbeg/article/view/141
Periódico	PELA CRIAÇÃO DE UM SISTEMA DE IMAGENS-CHAVE	Alencar, José Salmo Dansa de	2023	Design/Ciências Sociais Aplicadas	https://www.rbeg.net/index.php/rbeg/article/view/171
Periódico	O LIVRO-OBJETO INFANTIL CONTEMPORÂNEO: HIBRIDIZAÇÃO E MULTIMODALIDADE.	Paula, Anabel Medeiros Azerêdo de; Feres, Beatriz dos Santos; Mattos, Margareth Silva de	2023	Literatura	https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&profile=ehost&

Por fim, ao realizar a leitura crítica dos artigos selecionados, excluimos o item Alencar (2023) por não elaborar uma discussão que dialogue com a temática desta revisão: o autor

propõe a criação de um sistema de imagens-chave, que funcionaria de forma análoga às palavras-chave, o que não se alinha com nosso escopo de pesquisa. Discutiremos, portanto, na seção a seguir, como os três artigos tratam a relação entre os livros de artista e os livros ilustrados.

3 Resultados

No **primeiro artigo**, Paula et al. (2023) argumentam que o livro-objeto herda a hibridização e as características verbo-visuais do livro ilustrado. Para isso, abordam as maneiras pelas quais a literatura infantil explora a materialidade do código: o caráter experimental do livro ilustrado ganharia força a partir dos avanços tecnológicos dos meios de diagramação e impressão, sobretudo da editoração digital. Essas obras que exploram a interação entre palavra e imagem fazem com que as duas modalidades sejam indissociáveis para a plena transmissão de uma mensagem. A partir daquilo que denominam *contos ilustrados*, destacam a relevância do design gráfico na formação de novos significados para a narrativa e interatividade do livro ilustrado e do livro-objeto. A fim de defender a hibridização entre o livro-objeto e o livro ilustrado, as autoras introduzem o conceito de “suporte significativo”, evidenciando a materialidade, que estaria relacionada com a categoria do livro-objeto. Tal experimentação pode ser observada com maior frequência em obras de literatura infantil que, devido a seu aspecto lúdico, buscam maneiras de desenvolver novos significados e narrativas a partir do âmbito verbo-visual. Assim, no desenvolvimento de uma obra, a exploração da materialidade e multimodalidade surgiria da colaboração de diferentes atores – sobretudo autor, ilustrador e designer gráfico.

A esse respeito, vale apontar a contribuição de Frazão & Souza (2024) sobre a categoria de multimodalidade: não há consenso sobre sua definição nos debates brasileiros, pois não há elaboração teórica a partir das divergências de sua conceituação. Como os autores apontam, mesmo as duas principais referências no debate divergem significativamente. Pela ótica de Nikolajeva & Scott (2011), a multimodalidade trata de como a interação entre palavra e imagem indica a credibilidade da mensagem – apropriando-se do conceito de modalidade da gramática. Por outro lado, Kress & Van Leeuwen (2001) a consideram como utilização de diferentes modos semióticos para a constituição de uma mensagem: palavras, imagens, composição, cores, estilo de desenho, etc.

No **segundo artigo** analisado, Alencar (2022) relata o processo da ilustração de dois livros a fim de realizar uma “análise desses processos que incluem técnicas de pintura mural e configuração de livros-objeto e suas respectivas conversões em ilustrações de livros” (p. 81). O autor busca aproximar o processo criativo na tradição das Artes Visuais – à qual ele relaciona ao livro de artista – e na Literatura e Educação – à qual estaria relacionado o livro ilustrado. Isso porque as Artes Visuais originaram a “tradição aplicada à ilustração de livros, [e hoje] vivem um contexto de transformação das técnicas e materiais aplicados à produção das imagens” (p. 87). Nesse sentido, aponta que, tal qual um artista no Renascimento, um

ilustrador teria duas abordagens: ou se especializar em determinadas técnicas e estilos, ou explorar diversos meios. Entretanto, pontua diferenças entre os processos criativos da ilustração e das artes. Os ilustradores precisariam dialogar com determinado público; por serem influenciados por aspectos literários, pedagógicos e comerciais, estariam inseridos no campo da literatura infantojuvenil e, portanto, produziram livros ilustrados. Por outro lado, os livros de artista seguiriam “o aspecto puramente estético” (p. 85) e, assim, estariam localizados no campo das artes visuais.

No **terceiro artigo**, Medeiros & Romano (2022) apontam o crescimento de obras literárias que exploram a materialidade do livro no século XXI, identificando as diversas categorias editoriais que se utilizam do suporte para intensificar a experiência de leitura. Nesse sentido, apesar da pluralidade de categorias e da “diversidade de formas de experimentar a arquitetura textual (...) todos são livros-objeto, uma vez que exploram a fisicalidade da obra” (p. 3). Isso se dá pela articulação interdependente entre palavra, imagem e design, comumente destinadas para o público infanto-juvenil, sugerindo o trabalho com jovens leitores a partir de uma perspectiva pedagógica, uma vez que esses artefatos podem ampliar os sentidos sugeridos pelo texto literário. Como exemplo, apresentam a análise do livro ilustrado *Ismália*, de Odilon Moraes, a partir do texto de Alphonsus Guimaraens, poeta simbolista, elaborando como os aspectos do projeto gráfico atuam na construção de novas camadas de significado para a obra e também reforçam o diálogo entre palavra-imagem-design que reforça a musicalidade do poema. Em especial, as autoras salientam a dobra sanfonada, pois isso adiciona ritmo, significado e carga emocional quando atreladas à narrativa e aos sentimentos de instabilidade causados pelo poema através da personagem.

Medeiros & Romano (2022) apresentam ainda um contexto acerca de como a ilustração de livros deu-se no Brasil. Apesar da atenção sobre o tema no período lobatiano, “o chamado livro ilustrado somente passaria a ganhar espaço em meados de 1969 com a publicação de *Flicts*, de Ziraldo, abrindo assim um período que valoriza a experimentação das linguagens” (p. 6). Nesse sentido, apontam que para produzir obras em que o aspecto textual e verbal sejam interdependentes, é necessária a parceria entre autores e ilustradores ou a autonomia de autores-ilustradores. Por fim, destacam que o livro-objeto não é necessariamente destinado para as infâncias, podendo compreender diversas idades, visto que suas potencialidades materiais permitem que tanto crianças quanto jovens e adultos participem da “experiência sensório-corporal (visual, auditiva, tátil) e estético cinética propiciada pelo “conjunto escultórico” que emana do livro [...]” (p. 6)

4 Discussão

Iniciamos esta revisão integrativa com o intuito de responder como o livro de artista contribuiu para a compreensão da linguagem do livro ilustrado contemporâneo. Na revisão de literatura brasileira, entretanto, encontramos que essa discussão se dá entre as categorias de *livro ilustrado* e *livro-objeto*. Paula et al. (2023) e Medeiros & Romano (2022) estabelecem

relações entre essas duas categorias, mas são incapazes de as definirem ou por que se diferenciariam. Sobretudo Paula et al. (2023) apresentam inconsistências e lacunas conceituais que não permitem estabelecer de que forma as duas categorias divergem, como discutiremos a seguir. Ainda assim, ambas reiteraram a multimodalidade nos livros ilustrados, corroborando os achados da revisão sistemática de Clemente & Souza (2022) acerca da caracterização dos livros ilustrados contemporâneos. Frazão & Souza (2023), por outro lado, apontam que a compreensão de multimodalidade ainda é muito difusa; isso parece se perpetuar, uma vez que apenas Paula et al. (*ibid.*) definam o conceito a partir da semiótica social, mas quase sempre o utilizem acompanhada da ideia de hibridização, que não é fundamentada claramente no texto. Alencar (2022), por outro lado, não apresenta uma elaboração o livro-objeto, apenas o indica como categoria que explora a materialidade sem perder caráter narrativo – ainda que ressalte que os livros ilustrados também possam se valer do suporte para sua narrativa.

Por outro lado, os três artigos consistentemente ressaltam a importância do design – frequentemente representado pelas escolhas de projeto gráfico – na elaboração do livro ilustrado, indicando que as contribuições oriundas do design sobre a materialidade do livro – como Oliveira (2016; 2023) ou Camargo (2018) – têm se difundido. Aqui, é importante ressaltar que, para Medeiros & Romano (2022), as dimensões no livro são categorizadas como **palavra-imagem-design**, enquanto que, para Paula et al. (2023), relacionam **palavra-imagem-suporte**, para compreender o mesmo processo de definição dos aspectos materiais do livro.

A questão do público para o livro ilustrado ainda é recorrente. Alencar (2022) se refere ao livro ilustrado como uma categoria necessariamente relacionada ao campo da literatura infantil. enquanto Paula et al. (2023) sugerem que o livro ilustrado nasceu e se desenvolveu graças à literatura infantil, mas não está restrito a esse público: seria “uma forma de expressão, que tem evoluído (e muito) graças à Literatura Infantil” (p.160). Nesse sentido, Medeiros & Romeno (2022) destacam que os livros-objeto proporcionam uma experiência de leitura distintiva, independentemente do público. No entanto, ao concluir seu artigo, enfatizam a materialidade como uma ferramenta para facilitar a mediação de leitura no contexto de sala de aula, atribuindo uma função pedagógica à leitura.

A argumentação de Alencar (2022), que está calcada nos diferentes campos que experimentam com a forma do livro, poderia apresentar contribuições significativas utilizando conceitos da sociologia. O artigo apresenta a ideia de que o livro ilustrado estaria necessariamente implicado no mercado editorial direcionado para o público infanto-juvenil, ao passo que a criação artística estaria “livre” para ser “puramente estético” (p. 85). Ainda que a confusão entre literatura ilustrada e literatura infantil seja recorrente no senso comum, o debate contemporâneo do livro ilustrado considera essa uma noção superada (Linden, 2011; Nikolajeva & Scott, 2011; Souza, 2016; Navas & Almeida, 2024, entre outros) – inclusive, nos outros dois artigos revisados. Entretanto, a contribuição de Alencar (2022) não apresenta uma compreensão aprofundada dessas dinâmicas.

Além disso, Alencar (*ibid.*) apresenta uma assertiva particularmente problemática: “pelo ponto de vista das Artes Visuais, percebe-se o aspecto anacrônico das **ilustrações de livros**

infantis por se tratar de **imagens pouco permeáveis às transformações modernistas**” (p. 87, grifos nossos). Essa afirmativa pode ser desmentida utilizando diversos exemplos históricos, desde a produção de literatura infantil soviética – fortemente influenciada pelo Construtivismo russo (Rutschmann, 2017) –, passando pela contribuição dos designers italianos das décadas de 1950 e 1960 – dos quais Bruno Munari é o mais representativo – até o livro ilustrado contemporâneo, conforme caracterizado por Linden (2011). Portanto, ao contrário do que Alencar (*ibid.*) sugere, a literatura infantil frequentemente abre espaço para experimentações que são depois exploradas no campo das artes, conforme delineado claramente por Drucker (2018) e Cadôr (2024).

Ainda assim, o maior problema com que nos defrontamos é o de nomenclatura: as definições entre as diferentes categorias de livro são, no mínimo, pantanosas. Embora tenhamos iniciado a pesquisa pelo termo *livro de artista*, os artigos resultantes utilizavam o termo *livro-objeto* de maneira mais recorrente – inclusive, como palavras-chave –, na tentativa de criar alguma distinção com o *livro ilustrado*. Quando aparecia, o *livro de artista* era tido como um sinônimo do *livro-objeto*. Nesse sentido, Oliveira (2016) faz uma significativa discussão sobre algumas definições de artefatos relacionados à forma do livro (ou do códice) no âmbito do design de livros. De maneira semelhante, Cadôr (2024) apresenta um inventário de categorias relacionadas à experimentação com a forma do livro, frequentemente delineando como as convenções de algumas categorias refluem para outras – sobretudo aquelas tidas como infantis sendo incorporadas nos livros de artista.

Esse problema é reconhecido também nas discussões sobre o livro ilustrado. Por exemplo, Oliveira & Souza (2021) problematizam as prescrições formais de Linden (2011) para o livro ilustrado a partir da análise do projeto gráfico de *Bartleby, o escrivão* da Editora Cosac Naify, reeditada pela Editora Ubu. Em outro sentido, Souza (2016) faz uma ampla discussão das fronteiras difusas entre os livros ilustrados e as histórias em quadrinhos. Ao contextualizar essa “indisciplina acadêmica”, Rodrigues & Souza (2024) reiteram a sugestão de Navas & Almeida (2024) de que seria mais produtivo elaborar um vocabulário que “busque dar conta do que a multimodalidade pode expressar em uma narrativa, elas devem ser percebidas, principalmente, por seu valor poético” (s. p.). É precisamente nesse sentido que Souza (2016) propõe a compreensão do livro ilustrado como uma linguagem, em vez de pensá-lo a partir de sua finalidade pedagógica, do seu pretense público, ou da distinção entre outros gêneros de narrativas gráficas.

Sobre isso, Paula et al. (2023) é o artigo que melhor expressa como o debate carece de maior concisão teórica. As autoras sugerem que o livro ilustrado seria a decorrência das mudanças no processo de produção e reprodução do mercado editorial com a digitalização, somado a experimentações típicas da Literatura Infantil:

O avanço tecnológico dos métodos de diagramação e impressão – sobretudo aquele implementado a partir dos meios digitais – **permitiu à Literatura Infantil** oferecer aos seus leitores articulações cada vez mais inusitadas e criativas entre a palavra e a imagem, o que ampliou as possibilidades de significação das narrativas. **Um dos efeitos resultantes desse processo foi o surgimento do livro ilustrado** – obra em que palavra e imagem, com suas diferentes formas de

representação, trabalham de modo indissociável para transmitir uma mensagem. (Paula et al., 2023, p.159, grifos nossos)

Ou seja, as autoras caracterizam o livro ilustrado pela relação indissociável entre palavra e imagem. O livro-objeto, então, teria surgido a partir dessa característica do livro ilustrado, mas teria passado por um processo de hibridização posterior: **“o debate acerca do livro-objeto, discorrendo sobre o processo de hibridização que o faz surgir e o define, herdando, do livro ilustrado, sua semiose verbo-visual de base”** (p. 158, grifo nosso). Ou seja, o livro-objeto herdaria esse aspecto do livro ilustrado, mas teria algo que o distinguiria. Esse algo a mais seria o suporte significativo, “isto é, uma materialidade em que uma narrativa se desenvolve, sendo, ela própria, um signo; um significativo que, em conjunto com outros significantes, ganha um significado” (p.172). Assim, o design seria “elemento constituinte do livro ilustrado e, **mais ainda, do livro-objeto, que explora ao máximo essa dimensão material da obra, visando à interatividade com o leitor**” (p. 161, grifo nosso).

A fim de exemplificar a categoria do *livro-objeto infantil*, as autoras indicam livros cuja materialidade se constitui pela dobra-sanfona. Por isso, buscam endossar a ideia de que essa dobra explora a materialidade em maior nível. Entretanto, há uma contradição explícita quando Paula et al. (2023) apresentam *O Livro Inclinado* (Newell, 1910) como exemplo de livro ilustrado – não um livro-objeto – que faz uso da materialidade. É seguro afirmar que essa obra “explora ao máximo essa dimensão material da obra, visando à interatividade com o leitor”, pois é apenas por meio da materialidade, da manipulação do suporte, que as aclives e declives narrados assumem sua leitura plena. Ou seja, tais caracterizações não são coerentes. Por que o livro sanfonado, aqui categorizado como livro-objeto, teria uma maior camada de interatividade do que *O Livro Inclinado*, categorizado como um livro ilustrado? Ao passo que cabe perguntar qual a distinção que se estabelece entre as categorias de *livro ilustrado* e *livro-objeto*, uma vez que o exemplo que apresentam da primeira se enquadra precisamente na descrição da segunda.

Essas categorias mostram-se ainda mais confusas quando as autoras apresentam, sem discutir ou problematizar, a ideia de Ramos (2020) de que o livro ilustrado seria um objeto artístico que não necessariamente é literário, mas “se constitui de palavra, imagem e suporte” (p. 163) e afirmam que uma certa “composição triádica, **em certa medida**, promove uma aproximação entre livro ilustrado e livro-objeto” (*ibid.*, grifo nosso). Não fica claro qual seria essa medida, uma vez que a discussão anteriormente apresentada, na verdade, parece coincidir nas duas categorias.

Por fim, a relação entre essas categorias poderia se estabelecer pelo viés histórico. Nesse sentido, apenas Medeiros & Romano (2022) sugerem o desenvolvimento histórico sobre a forma atual do livro ilustrado de maneira significativa, mencionando a importância de *Flicts* como influência para uma nova era de experimentações. Ademais, é significativa a menção ao

processo evolutivo do livro-objeto, composto por três momentos nodais e em sincronia com o movimento de generalização o do design, isto é, **[1] do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, [2] da década de 1950 até fins dos anos 1970 e [3] vigente desde a década de 1980 até os dias de hoje.** (Martins & Silva, 2020, p. 101 em Medeiros & Romano, 2022, p. 3, grifo nosso)

Aqui, o diálogo com Ulisses Carrión (2011) é extremamente produtivo. As autoras contextualizam o processo de “ressignificação do formato códice, muito comum nos livros de artista” (p. 3). De maneira contundente, o importante artista conceitual mexicano coloca que:

Para ler a velha arte basta conhecer o alfabeto. Para ler a nova arte devemos apreender o livro como uma estrutura, identificar seus elementos e compreender sua função. [...] Na velha arte todos os livros são lidos da mesma maneira. Na nova arte cada livro requer uma leitura diferente. Na velha arte, ler a última página leva tanto tempo quanto ler a primeira. Na nova arte o ritmo da leitura muda, aumenta, acelera. (Carrión, 2011, pp. 61- 63) (p.03)

Essa compreensão parece apontar para a contribuição dos livros de artista para a compreensão do livro ilustrado enquanto linguagem. Entretanto, as autoras não utilizam o termo *livro de artista*, conforme Carrión (2011), mas sim a categoria de *livro-objeto*, reiterando a tendência do debate brasileiro a utilizá-los como sinônimos.

Acreditamos que essa permuta de termos é inadequada e provoca confusão no debate, o que é corroborado pelo próprio Carrión (1980). Ao relacionar o fazer de livros com o campo da arte, ele busca definir o que caracterizaria o livro de artista. Há uma preocupação explícita em não prescrever nenhuma encadernação, formato ou predefinição – mas há um caráter inescapável da forma do livro: suas páginas. Assim, ele afirma: “eu definitivamente excluo os chamados ‘livros-objeto’ já que eles parecem pertencer mais ao reino da escultura. Minha ênfase está na noção de sequências e isso não parece aplicável a ‘livros-objeto’” (p. 65). De fato, também defendemos a inocuidade do termo *livro-objeto*, uma vez que todo livro impresso pressupõe seu aspecto material enquanto objeto. O termo perde, portanto, utilidade teórica.

Nesse sentido, conceber o livro ilustrado enquanto linguagem – apresentada por Souza (2016) e expandida por Oliveira & Souza (2021) – sugere debates de maneira semelhante à de Carrión: sem prescrições formais, mas elaborando a compreensão do artefato. Assim, em oposição à abordagem exemplificada por Paula et al. (2023) – de prescrever qual materialidade seria mais ou menos significativa – a questão se volta para *como* tal ou qual livro ilustrado se vale da sua materialidade para a singularidade daquela experiência de leitura. Com isso, o debate brasileiro sobre o livro ilustrado pode incorporar e agregar mais contribuições para a expansão da linguagem e das elaborações sobre ela.

5 Considerações finais

Com essa revisão integrativa, buscamos avaliar como o debate acadêmico sobre o livro ilustrado contemporâneo no Brasil trata a relação entre os livros de artista e os livros ilustrados, com o intuito estabelecer diálogos entre essa categoria e a tradição do livro de artista. No entanto, diante das contribuições encontradas, não houve uma discussão robusta sobre a possível relação entre essas categorias.

No processo de seleção, não constatamos grandes disparidades entre as áreas de pesquisa, embora a área de Artes Visuais predomine. Durante a leitura e discussão dos três

artigos selecionados, identificamos que a imbricação com Educação e Literatura infantil ainda é muito forte, por mais que defendam que pode se estender para diversos públicos.

Além disso, denotam um consenso sobre o livro-objeto, como uma categoria que explora a materialidade e sofre processos de hibridização com o livro ilustrado, especialmente nas contribuições oriundas do campo da Literatura. Assim, dois dos três artigos enfatizam a interdependência entre modalidades e a importância do design na materialidade. Entretanto, não houve consistência no uso das categorias de *livro-objeto*, *livro de artista* ou *livro ilustrado* – o que indica uma dificuldade significativa para o diálogo entre essas categorias.

A partir da leitura crítica desses artigos, nossa discussão sugere dois principais desdobramentos. O primeiro é realizar uma revisão integrativa utilizando a palavra-chave “livro-objeto”, uma vez que parece ser um termo mais recorrente na discussão brasileira. Entretanto, essa categoria deve ser utilizada criticamente, uma vez que, conforme argumentamos, ela tem pouca utilidade teórica.

O segundo é utilizar o arcabouço de Pierre Bourdieu (1996) para compreender os efeitos as diferentes categorias mobilizadas produzem na prática social, uma vez que “as classificações práticas estão sempre subordinadas a funções práticas e orientadas para a produção de efeitos sociais” (p. 107). Dada a confusão entre as categorias, há possibilidade de que elas sejam empregadas conferir mais prestígio aos agentes que o utilizam – como é o caso de “independente” no mercado editorial, conforme discutido detalhadamente por Muniz Jr. (2016). Em outras palavras, compreender as dinâmicas desse campo pode fornecer mais concisão para as discussões desse artefato.

Referências

- Alencar, J. S. D. de. (2022). Os dois processos de ilustração de livros: O ponto de vista do ilustrador. *Revista Brasileira de Expressão Gráfica*, 10(1), 80–101.
- Arizpe, E., Farrar, J., & McAdam, J. (2018). Picturebooks and literacy studies. Em B. Kümmerring-Meibauer (Org.), *The Routledge companion to picturebooks*. Routledge.
- Botelho, L. L. R., Cunha, C. C. de A., & Macedo, M. (2011). O MÉTODO DA REVISÃO INTEGRATIVA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. *Gestão e Sociedade*, 5(11), 121. <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>
- Bourdieu, P. (1996). *A economia das trocas lingüísticas: O que falar quer dizer*. Edusp.
- Cadôr, A. B. (2024). Eu nunca leio, só vejo as figuras. Lote 42.
- Camargo, I. P. de. (2016). O livro de literatura: Entre o design visível e o invisível [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo.
- Carrión, U. (1980). Second thoughts. VOID distributors.
- Clemente, I., & Souza, E. A. B. M. (2022). Caracterização do livro ilustrado contemporâneo na pesquisa brasileira: Uma revisão integrativa. *Blucher Design Proceedings*, 117–133. <https://doi.org/10.5151/ped2022-4793439>
- Drucker, J. (2018). Artist's books and picturebooks: Generative dialogues. Em B. Kümmerring-Meibauer (Org.), *The Routledge companion to picturebooks*. Routledge.

- Drucker, J. (with Granary Books (Firm), & Press Collection (Library of Congress)). (2004). The century of artists' books (2nd ed). Granary Books.
- Frazão, A. L. S., & Souza, E. A. B. D. M. (2024). O conceito de multimodalidade nos estudos brasileiros do livro ilustrado contemporâneo: Uma revisão integrativa. *Blucher Design Proceedings*, 316–329. https://doi.org/10.5151/cidiconcic2023-20_650558
- Hunt, P. (2010). *Crítica, teoria e literatura infantil*. Cosac Naify.
- Lima, T. R. M., & Souza, E. A. B. M. (2024). Demandas da cadeia editorial na escrita diagramática de livros ilustrados: Uma análise das obras da autora-ilustradora Rosinha Campos. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design - P&D Design*. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design - P&D Design*, online. <https://doi.org/10.29327/5457226.1-278>
- Linden, S. V. der. (2011). *Para ler o livro ilustrado*. Cosac Naify.
- Lupton, E., & Miller, J. A. (2011). *Design, Escrita, Pesquisa: A escrita no design gráfico*. Bookman.
- Martins, D. M. F., & Silva, S. R. D. (2020). A evolução do livro-objeto: Técnica e estética. *FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária*, 24, 87–103. <https://doi.org/10.23925/1983-4373.2020i24p87-103>
- Medeiros, J. P. S., & Romano, P. A. B. (2022). Ismália, de Alphonsus de Guimaraens e ilustrações de Odilon Moraes: Experiências leitoras com o poema/livro-objeto. *Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil*, 1–14. <https://doi.org/10.15304/elos.9.7995>
- Muniz Jr., J. de S. (2016). *Girafas e bonsais: Editores "independentes" na Argentina e no Brasil (1991-2015)* [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo.
- Navas, D., & Almeida, L. T. D. (2024). Palavras e imagens literárias: Aproximações entre histórias em quadrinhos e livros ilustrados. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, 19(3), e63806p. <https://doi.org/10.1590/2176-4573p63806>
- Nikolajeva, M., & Scott, C. (2011). *Livro ilustrado: Palavras e imagens*. Cosac Naify.
- Oliveira, G. A. F. (2016). *O design na construção do livro: A Coleção Particular da editora Cosac Naify* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Pernambuco.
- Oliveira, G. A. F. (2023). *A prática do design de livros: Compreendendo o objeto impresso como materialização probabilística* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco]. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/53473>
- Oliveira, G. A. F., & Souza, E. A. B. M. (2021). A articulação não-convencional dos parâmetros do medium: A materialidade em *Bartleby*, o escrivão enquanto livro ilustrado desobediente. *Blucher Design Proceedings*, 202–215. <https://doi.org/10.5151/cidiconcic2021-016-354970-CIDI-Comunicacao.pdf>
- Paula, A. M. A. D., Feres, B. D. S., & Mattos, M. S. D. (2023). O livro-objeto infantil contemporâneo: Hibridização e multimodalidade. *Pensares em Revista*, 28, 157–183. <https://doi.org/10.12957/pr.2023.77881>
- Piqueira, G. (2018). *A cantora careca de Massin*. Lote 42.
- Rodrigues, G. X., & Souza, E. A. B. M. (2024). Aspectos pictóricos da linguagem gráfica verbal em narrativas gráficas: Uma análise do parâmetro da multimodalidade em “Bom dia, Socorro” de Paulo Moreira. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Pesquisa e*

Desenvolvimento em Design - P&D Design. Anais do XV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design - P&D Design, online. <https://doi.org/10.29327/5457226.1-270>

Rutschmann, V. (2017). Russian Picturebooks from 1922 to 1934: Modernization, Sense of Nationhood, Internationalism. Em E. O'Sullivan & A. Immel (Orgs.), *Imagining Sameness and Difference in Children's Literature: From the Enlightenment to the Present Day*. Palgrave Macmillan UK. <https://doi.org/10.1057/978-1-137-46169-8>

Souza, E. A. B. M. (2016). O estranhamento nos livros ilustrados de Shaun Tan [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Pernambuco.